

Educação, trabalho e saúde: as práticas sociais e as controvérsias do desejo*

Education, work and health: the social practices and desire of disputes

Educación, trabajo y salud: las prácticas sociales y controversias del deseo

DOI: 10.18226/21784612.v22.n1.07

Rogério Rodrigues**

Para minha filha Luíza Helena, na esperança de que possa me compreender no saber não sabido.

Resumo: O artigo propõe uma reflexão sobre alguns determinantes presentes no campo da educação, trabalho e saúde que podem oscilar entre a produção do sujeito emancipado e a produção do sujeito autoritário. O principal fator de análise é que, na modernidade, ocorre uma predominância e uma resistência em romper com a hegemonia do paradigma da técnica incorporada que produz oposição ao pensamento crítico. Nesse caso, o problema da pesquisa está no campo de reflexão sobre o fato de a prática educativa destituir-se como atividade intelectual. Portanto, ocorre a necessidade de compreender o campo educacional como lugar de produção e, principalmente, esclarecer sobre a concepção de mundo em que o sujeito encontra-se veiculado. O objetivo do trabalho é ampliar a discussão sobre os meios e fins utilizados, sobretudo sobre as diversas técnicas ensinadas, como elemento educacional, mas destituídas do pensamento crítico. Tem-se como hipótese de trabalho que o educador deveria assumir a posição de intelectual, no sentido de criticar e inovar o uso da técnica e seus processos na constituição da sociedade em que o sujeito pode realizar-se na emancipação. A metodologia de investigação no trabalho insere-se numa hermenêutica de leitura de autores que subsidiaram a análise sobre a questão

* Agradecimentos à Universidade Federal de Itajubá (Unifei) e a Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP) na supervisão em andamento do Pós-Doutorado pelo Prof. Dr. Leandro de Lajonquière.

** Professor na Unifei, Instituto de Física e Química. Itajubá – MG, Brasil. E-mail: rrunifei@hotmail.com

do sujeito emancipado na modernidade. As principais conclusões do estudo é que o educador deveria enfrentar-se na posição de intelectual, na tentativa de encontrar pontos de fuga nesse modelo de sociedade e de mercado, em que técnicas e processos encontram-se reificados, tornando as relações educativas, inclusive seus conteúdos, como algo sem significado.

Palavras-chave: Educação. Trabalho. Saúde. Emancipação. Autoritarismo.

Abstract: The article proposes a reflection on some determinants present in the field of education, work and health that can range from the production of the subject emancipated and the production of authoritative subject. The main factor analysis is that in modernity is strength in breaking the hegemony of corporate technical paradigm that produces opposed to critical thinking. In this case, the problem of research is in the field of reflection on the fact that the educational practice to remove as intellectual activity. So is the need to understand the educational field as a place of production, and especially the clarification of the world view in which the subject lies aired. The objective is to expand the discussion of the means used and purposes, mainly the various techniques taught, as an educational element, but devoid of critical thinking. It has been hypothesized that the educator should take the intellectual position in order to criticize and innovate the use of the technique and its processes in the formation of the company in which the subject can take place in emancipation. The research methodology at work is part of a hermeneutic reading authors that support the analysis of the question of the subject emancipated in modernity. Key findings from the study is that the teacher should face each other in the intellectual position, trying to find vanishing points in this market model of society in which the techniques and processes are reified, making educational relations, and especially its contents as something meaningless.

Keywords: Education. Work. Health. Emancipation. Authoritarianism.

Resumen: El artículo propone una reflexión sobre algunos determinantes presentes en el campo de la educación, trabajo y salud que pueden oscilar entre la producción del sujeto emancipado y la producción del sujeto autoritario. El principal factor de análisis es que, en la modernidad, se produce un predominio y una resistencia a romper la hegemonía del paradigma de la técnica incorporada que produce oposición al pensamiento crítico. En este caso, el problema de investigación está en el campo de la reflexión sobre el hecho de la práctica educativa destituirse como actividad intelectual. Por lo tanto, existe la necesidad de comprender el campo educativo como un lugar de producción y, sobre todo, aclarar el concepto del mundo en el que el sujeto se encuentra. El objetivo de este trabajo es

ampliar el debate sobre los medios y fines que se utilizan, sobre todo, acerca de las diferentes técnicas utilizadas como elemento educativo, pero carentes de pensamiento crítico. Se ha presumido que el educador debe tomar la posición intelectual, en el sentido de criticar e innovar el uso de la técnica y sus procesos en la constitución de la sociedad en la que el sujeto puede tener lugar en emancipación. La metodología de investigación en el trabajo es parte de una lectura hermenéutica de los autores que subvencionam el análisis sobre la cuestión del sujeto emancipado en la modernidad. Las principales conclusiones del estudio es que el educador debe enfrentarse en la posición intelectual, en un intento de encontrar puntos de fuga en este modelo de sociedad y de mercado, en que las técnicas y procesos son reificados, convirtiendo las relaciones educativas, incluyendo sus contenidos, en algo sin significado.

Palabras clave: Educación. Trabajo. Salud. Emancipación. Autoritarismo.

Introdução: a emancipação do sujeito: o impossível da contra-hegemonia no campo da educação, do trabalho e da saúde

Pensar a questão da emancipação do sujeito na modernidade significa compreender a produção desse no conjunto das práticas sociais e os elementos que podem permitir a constituição plena da cidadania. No entanto, a produção de emancipação do sujeito pode se apresentar no campo das contradições da cultura ao produzir também elementos de resistência que possam permitir a plena expressão em seu modo de existir como consciência crítica de si mesmo. Nesse aspecto, torna-se oportuno analisar aquelas produções ocasionais em que o sujeito se aliena e se torna intolerante ante a existência da diferença do *outro*, ao se constituir a si mesmo no conjunto de práticas autoritárias. Assim, o autoritarismo consiste no fechamento e na restrição da liberdade vinculada a aspectos homogêneos do poder e do controle político.

Em contraposição a *isso*, a emancipação apresenta-se como ampliação da liberdade na existência do sujeito.¹ Nesse caso, para se compreender a emancipação do sujeito, é pertinente entender o seu oposto, que são o conjunto de práticas autoritárias. Para tanto, é preciso analisar os diversos elementos que produzem as restrições de práticas sociais e limitam o pensamento, seguindo, portanto, a recomendação de que “o fascismo é

¹ Cabe esclarecer que utilizamos o pronome *isso* em itálico para nos referirmos aos elementos das formações do inconsciente. (FREUD, 1996a).

um tema-chave para abordar a questão do desejo no campo social. Além do mais, não conviria aproveitar para falar disso, enquanto ainda se pode fazê-lo livremente?” (GUATTARI, 1981, p. 173).

Nesse caso, pensar a emancipação do sujeito no campo das práticas sociais significa também analisar as formas de resistência que poderiam tornar o impossível, na realização do sujeito no campo do desejo, como forma de manifestação, de tornar-se a si mesmo no *vir-a-ser* (SARTRE, 1997) no campo social.

Dir-se-ia que o desejo encontra-se circunscrito por um duplo caminho: por um lado, ele é confundido com a necessidade produzida para atender à existência imediata que se encontra restrita à sociedade de mercado, na demanda da produção e do consumo, no controle político do modo de ser; por outro lado, o desejo é a constituição do impossível de o sujeito ser ele mesmo na constituição do *vir-a-ser*, que rompe com os condicionantes do imediatismo da existência (SARTRE, 1997) e, **principalmente, que sobre esse saber “não há saber possível sobre o desejo”**. (LAJONQUIÈRE, 1992, p. 226).

Pensar a realização do sujeito no campo do desejo apresenta-se como um elemento do paradoxo e da contra-hegemonia econômico-política, pois produziria fissuras no conjunto das ações das pessoas, cujos verdadeiros motivos, muitas vezes, não querem saber nada sobre os seus atos. Compreender o desejo é algo que requer a análise de que

a coincidência entre a luta política e a análise do desejo implica, desde então, que o “movimento” permaneça na escuta constante de qualquer pessoa que se exprima a partir de uma posição de desejo, mesmo e, sobretudo, que ela se situe “fora do assunto”, “fora do sujeito”, e isto continua na escola, no quartel, na fábrica, no sindicato, na célula do partido. É preciso se estar sempre “no assunto”, “no sujeito” e “na linha”, mas o desejo, por sua própria natureza, tem sempre a tendência de “sair do assunto”, “sair do sujeito” e derivar. (GUATTARI, 1981, p. 177).

Desse modo, o “fora do assunto” seria um elemento da contra-hegemonia, uma vez que seria o impossível do sujeito em estranhar aquilo que é corriqueiro e estabelecido como algo comum. Na constituição da hegemonia do estar “dentro do assunto”, educação, trabalho e saúde podem se apresentar nas diversas práticas sociais que se

apresentam na modernidade como constituintes do sujeito moderno. Interpreta-se a “prática social” no interior da noção de estrutura, na qual o sujeito encontra-se inserido no social e isso

implica dizer que a maior parte das ações humanas tem por base algo diferente da intenção, isto é, disposições adquiridas que fazem com que a ação possa e deva ser interpretada como orientada em direção a tal ou qual fim, sem que se possa, entretanto, dizer que ela tenha por princípio a busca consciente desse objetivo (é aí que o “tudo ocorre como se” é muito importante). O melhor exemplo de disposição é, sem dúvida, o sentido do jogo: o jogador, tendo interiorizado profundamente as regularidades de um jogo, faz o que faz no momento em que é preciso fazê-lo, sem ter a necessidade de colocar explicitamente como finalidade o que deve fazer. Ele não tem necessidade de saber conscientemente o que faz para fazê-lo. (BOURDIEU, 1996, p. 170).

Muitas vezes, as práticas sociais transparecem nesse *jogo jogado* ou no “piloto automático” como algo natural, no fato de ser o sujeito quem reproduz um modo específico de pensar e sentir o mundo. O trabalho do intelectual seria o de evidenciar a não neutralidade das coisas, que, para o senso comum, encontra muita dificuldade em desnaturalizar o mundo. Dessa forma, a contra-hegemonia, no campo educacional, seria o processo implicar-se ao colocar em dúvida ou indicar novos modos de fazeres das práticas sociais, uma vez que se pode inovar no eixo “educação, trabalho e saúde”. Entretanto, essa tarefa torna-se complexa ao pontuar que as coisas, por mais simples que sejam, não são neutras e se apresentam como um modo de produzir verdades sobre o real.

Assim, o foco na problemática deste estudo é posicionar o campo educacional como um lugar de analisar e destituir esse algo *natural* que se impõe na hegemonia da produção de determinadas concepções de mundo, nas mediações entre educação, trabalho e saúde.

Após as grandes e profundas transformações ocorridas no mundo do trabalho com o processo de industrialização, no final do século XIX, é possível evidenciar os elementos responsáveis por precarizar as condições de trabalho, uma vez que o trabalhador torna-se um apêndice da máquina e, simultaneamente, esse processo amplia-se, no final do século XX, na substituição dos sujeitos por máquinas (robotização), ampliando, cada vez mais, o índice de desemprego em diversos países do mundo.

(NEDER, 1986). Nesse contexto da precarização e desemprego, principalmente na intensificação do trabalho, se produzem outras demandas na área da educação e da saúde. Portanto, pensar a contra-hegemonia no eixo “educação, trabalho e saúde” torna-se um elemento necessário para a constituição do sujeito no campo da liberdade e no exercício da emancipação.

Sabe-se que essas relações entre concepção de mundo e fazer não são algo neutro, pois que se encontram relacionadas na estrutura entre *poder e verdade* (FOUCAULT, 1996), e isso pode se apresentar na demarcação do campo das práticas autoritárias. Portanto, na falta de criticidade e na pseudoneutralidade, pode-se encontrar, no processo de formação, a reprodução de mundo em desacordo com a constituição da emancipação do sujeito.

Analisar a emancipação do sujeito e o impossível da contra-hegemonia no campo da educação, do trabalho e da saúde seria compreender os mecanismos de resistência que podem se opor às práticas sociais e, por isso, apresentar rupturas quando eles se encontram nas controvérsias do desejo do sujeito que não quer saber do saber não sabido. (LAJONQUIÈRE, 1992).

Contudo, seria possível afirmar que há algo que seja “verdadeiramente humano no modo de existir”? (NIETZSCHE, 2000). Para refletir sobre isso, faz-se referência, diretamente, às perdas ocorridas no campo do tecido social, na modernidade: certo dia, nos anos iniciais do século XXI, numa paralisação de trânsito em uma grande avenida no centro da cidade de São Paulo, foi possível reparar na completa falta de racionalidade na gestão pública das cidades. Isso ocorria pelo fato de a prefeitura estar realizando obras na via pública, promovendo um verdadeiro afunilamento de carros, um “conta-gotas de automóveis”. Ironicamente, colocou-se uma placa com os seguintes dizeres: “Desculpe pelo transtorno. Estamos trabalhando para uma cidade melhor”. Quando se lê isso, fica-se indagando: Qual seria o tipo de “cidade melhor” para esses gestores públicos?

Nesse momento de espera, percebe-se a completa falta de projeto de mobilidade urbana e a perda por inteiro da sustentabilidade da vida em uma cidade, na qual os burocratas de plantão esclarecem que as represas secam por falta de chuva, e que a violência aumenta por falta de Polícia. Sempre o transtorno do social gira em torno da falta, e em nenhum momento, a mesma torna-se passível de ser interpretada no

sentido de se verificar que as represas secam pelo desmatamento e o assoreamento dos rios, e que a violência aumenta pela perda do laço social. Nesse lugar, em que pode se perder nos pensamentos, por se estar parado no trânsito, observa-se que alguns sujeitos estão distribuindo material de campanha política de um partido. Não se pode deixar de afirmar que há uma tristeza na alma e saudades de um momento da vida em que, na transição do regime militar no ano de 1984 para a abertura política, existia certa esperança de que a política se apresentaria como um lugar de sujeitos comprometidos com uma causa e um projeto social.

Entretanto, o destino promoveu esta cena trágica: o cidadão fica parado no meio da cidade, para que assista ao grande circo da perversidade política que são as campanhas eleitoreiras, que parecem um filme ao qual se assiste pela janela do carro e cujo final é desconsolador, pois o que se vê são sujeitos sem desejo algum no campo da política e que se encontram distribuindo papéis, completamente alheios ao desejo político e sem nenhum envolvimento emocional com a ação social.

O *estranhamento* que se tem é que os automóveis são latas de lixo, em que eles lançam, repetidamente, grande quantidade de papéis pela janela.² Interpreta-se que esses sujeitos que trabalham na “divulgação política” atuam sem saber o que fazem e se apresentam como um verdadeiro reflexo do “projeto político” destituído de sentido daqueles que eles divulgam como gestores políticos. Há um vazio de ideias e pensamentos e um transbordar de palavras sem sentido, pois os partidos não possuem, em seus quadros, sujeitos implicados como intelectuais que possam propor e produzir uma gestão pública de qualidade para a produção de uma “cidade melhor”.

Espaço público e política para esses são coisas de mercado e, nas ruas, seus papéis de “propaganda política” entram pela janela do carro, seguindo o mesmo paradigma de venda dos pacotes de propagandas que alertam sobre o lançamento de “apartamentos”, “pizzarias” e um monte de tantas outras coisas, que também possuem sentido somente na lógica do consumo da sociedade de mercado.

Os indivíduos que trabalham nesse “emprego” (distribuir papéis de propaganda) são aqueles que se encontram no subemprego, pois não

² Utilizamos o termo *estranho* em itálico com a mesma semântica do *isso* que retorna como material do inconsciente.

possuem qualquer vínculo de trabalho e ganham pela tarefa realizada no dia a dia. Geralmente, o valor do seu dia de trabalho corresponde ao menor valor estabelecido para a dignidade humana em países de capitalismo periférico – a vida sem valor algum.

Grande parte desses trabalhadores encontra-se fora do processo de escolarização, e muitos deles ficam o dia inteiro no sol ou na chuva para realizar a atividade de entregar os papéis, as propagandas. Trabalham para eleger ou vender aqueles que se categorizam como defensores dos direitos dos trabalhadores. Isso é um total contrassenso, mas, no campo da política, tudo vale para eleger o candidato que sempre aparece sorrindo em sua propaganda.

A felicidade dos candidatos torna-se diretamente proporcional à tristeza de tantos que estão completamente excluídos das condições mínimas e necessárias para ter uma vida e com dignidade. Pergunta-se: O que seriam para estes candidatos a gestores públicos as relações entre educação, trabalho e saúde? Dir-se-ia que seria um nada, pois tudo se mostra destituído de qualidade e significado. Nesse momento, lança-se a pergunta para todos aqueles educadores que atuam em instituições de ensino, qual seja: No conjunto desse tecido social produzido na sociedade de mercado, como seria possível, no processo de escolarização, pensar e fazer aquilo que a modernidade denomina de realização da cidadania no campo da gestão pública?

Certa vez, um publicitário de uma campanha partidária afirmou que era mais fácil fazer propaganda para vender hambúrguer do que fazer campanha política, pois o hambúrguer não tem passado. Aqui estaria uma chave que configura a verdadeira “educação política e cidadã”, que consistiria em conhecer a história contraditória daqueles que buscam se eleger pela força da mídia.

Pensar na história permite elaborar, nesse tempo em que se fica parado no trânsito, uma época em que ocorreu a abertura política deste país, no início dos anos 80. Nesse período, vivia-se um clima de organização ativa para se construir um projeto político de nação. Nessa época, ia-se para as ruas para encontrar uma militância politizada e envolvida com o desejo de mudança. Havia ideais e se trabalhava horas a fio pelo simples fato da conquista de mais um voto para um país livre da exploração e, principalmente, da opressão. Para tanto, não se mediam esforços para alcançar esse objetivo de liberdade e democracia. Esse era o *pagamento* do trabalho realizado e era justamente isso que fazia a

diferença nas outras tantas campanhas da *direita*, que, desde a época do Brasil Colônia, vem mantendo os seus privilégios na concentração de renda e destituindo o povo de seu verdadeiro direito à vida com dignidade.

A perda da dignidade humana apresenta-se, principalmente, na perda do valor da vida humana. Portanto, se produz uma miséria ainda maior ao se pagar “um prato de comida” para os “sujeitos alienados” distribuírem papéis – ou, melhor dizendo, jogarem toneladas de papéis nas ruas – e isso representa uma nação que desvaloriza seu próprio povo.

Hoje, se vê aqueles partidos políticos chamados de “esquerda” usando a mesma estratégia de campanha da *direita*: jogam, aos montes, papéis pelas ruas. Dir-se-ia que tais partidos estão fazendo direitinho (ou seria *direitinha*?) a “lição de casa”, ao montarem um verdadeiro exército de militantes pagos e sem desejo de se implicar com a política. A única coisa que se pode concluir ligeiramente é que um partido político muda quando a sua militância muda. No entanto, fica uma questão a ser resolvida: Como os processos educacionais contribuíram direta ou indiretamente para o acirramento e a ruptura desse agravamento da perda da educação política e da perda de sensibilidade de toda uma nação?

Nesta nação, muitos de seus membros, hoje, adoram se envolver nas redes sociais com os seus *smartphones* e outros equipamentos eletrônicos de comunicação; os dedos dos sujeitos ficam colados nos teclados, pois o mais importante é fazer parte de algum grupo em que os “pequenos famosos” acumulam diversos seguidores de ideais sem causa, e o que vale é a imagem que se encontra postada em sua *selfie*, em que se mostram felizes e consumidores de diversas bugigangas que, em última instância, são descartadas em aterros clandestinos, contaminando a terra e a água.

Pode-se dizer, em poucas palavras, que há uma necessidade crucial de se compreender a existência dos sujeitos no eixo “educação, trabalho e saúde” para além da ciência disciplinar, que, na lógica do capitalismo, foi eficiente em ampliar o lucro, no entanto, foi precária em atender à construção do social quanto à harmonia do sujeito no impossível na realização do desejo ou na constituição da contra-hegemonia. Portanto, na constatação do impossível da contra-hegemonia no campo da educação, do trabalho e da saúde, produz-se a necessidade de um olhar interdisciplinar na tentativa de investigar a “síntese das múltiplas

determinações”. (MARX, 1983, p. 218). Isso se justifica para que seja possível realizar novos contornos do desejo do sujeito de construir outros eixos que se possam estabelecer no campo da educação, do trabalho e da saúde nas indicações para se caminhar no impossível da emancipação do sujeito.

A redução da educação como técnica: o paradigma do palito japonês (*hashi*) e seu adaptador para facilitar o seu ensino e aprendizagem

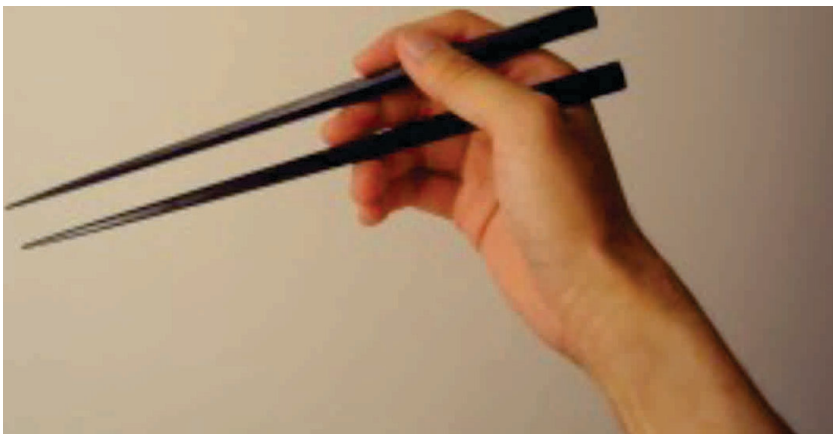
Pensar a educação na modernidade e as possibilidades de transmissão de saber seria compreender relações entre educação e ensino. Pensa-se que a educação é uma condição reflexiva do sujeito perante o real, que lhe permite responsabilizar-se em nome próprio pelo seu modo de existir.

No caso do ensino, a transmissão do saber encontra-se no uso dos instrumentos e nos processos de aprendizagem que se apresentam na expressão de determinado saber que qualifica o sujeito.

No entanto, o foco em questão é: a sociedade de mercado produz a demanda do “sujeito especialista”, e isso tem produzido a redução da educação ao ensinar a assimilação da técnica como resultado do ensino bem-sucedido. Para buscar conhecer esse fenômeno no campo educacional, como sendo a redução da técnica, será utilizada uma situação muito peculiar que se refere ao uso de instrumento utilizado na culinária japonesa.

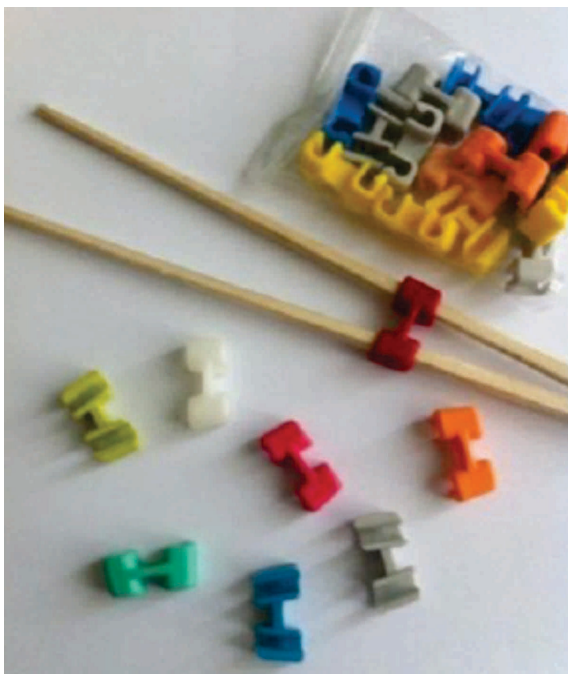
Quem gosta de comida japonesa sabe que a maior dificuldade encontra-se no manejo dos *hashi*, que são os palitos japoneses utilizados para pegar o alimento. O uso dos *hashi* requer certo treinamento e habilidade e, portanto, determinada educação do corpo. Contudo, um dia, num restaurante japonês, trouxeram ao cliente um pequeno adaptador que fixa um palito no outro e facilita, por completo, a utilização dos referidos *hashi* para pegar o alimento.

Imagem 1 – Palito japonês para pegar o alimento (*hashi*)



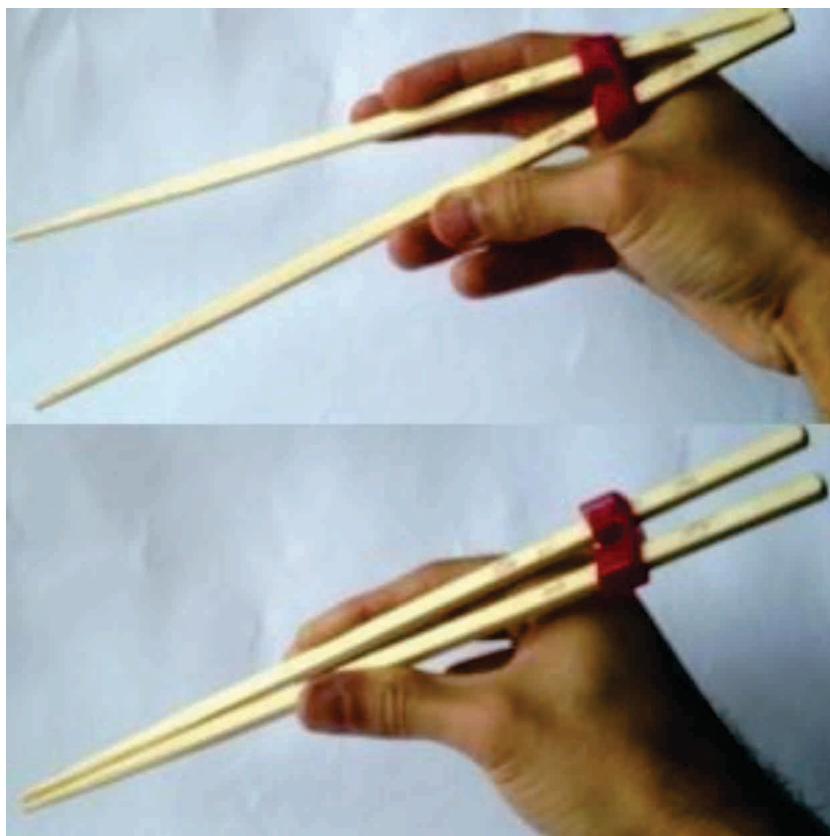
Fonte: <<http://www.nipocultura.com.br/?p=854>>. Acesso em: 18 jun. 2015.

Imagem 2 – Adaptador utilizado no palito japonês



Fonte: <http://produto.mercadolivre.com.br/MLB-655410230-clip-adaptador-para-hashisushi-japo-cananeia-hanae_JM>. Acesso em: 18 jun. 2015.

Imagem 3 – Palito japonês (*hashi*) com adaptador



Fonte: <http://mlb-s2-p.mlstatic.com/clip-adaptador-para-hashisushi-japo-cananeaiahanae-68-MLB4639337944_072013-O.jpg>. Acesso em: 18 jun. 2015.

Nessas ocasiões, avalia-se a ocorrência de grande parte da perda desse *saber-fazer* do sujeito em pensar criticamente sua existência e, portanto, pode-se aqui identificar que se encontra operante um novo modo como a educação é concebida, no qual tudo se resume a “ensino e aprendizagem”; que seja algo rápido e eficiente, mais propriamente, poder dominar uma técnica específica sem o trabalho e o esforço da aprendizagem e que se possa alcançar resultado imediato na constituição do *saber-fazer*. Essa condição da técnica incorporada aos instrumentos permite ao sujeito alcançar a posição imediata para a venda de sua empregabilidade para o desempenho de determinadas tarefas e, por isso,

apresenta-se como um fator necessário para que possa permitir ao sujeito o ingresso no mercado de trabalho por se encontrar apto no desempenho do fazer.

Esse paradigma da educação (reduzido ao ensino de determinada técnica) encontra-se em todos os campos, como, por exemplo, no caso de aprendizagem de instrumentos musicais.

Aprendendo a tocar um instrumento de cordas, as crianças pequenas não sabem inicialmente onde posicionar os dedos no braço do instrumento para extrair as notas na altura certa. O método Suzuki, do nome do educador musical japonês Suzuki Shin' ichi, resolve o problema instantaneamente, introduzindo finas tiras de plástico no braço do instrumento. O pequeno violinista posiciona o dedo numa tira colorida, produzindo uma nota perfeitamente na altura. [...] A movimentação da mão é determinada pelo destino prefixado da ponta do dedo. (SENNETT, 2009, p. 176).

No entanto, nessa rápida incorporação dos *adaptadores*, encontra-se, na redução da técnica, o paradoxo *fazer sem saber-fazer*. Assim, se instaura uma competência destituída de saber ou, mais propriamente, a completa ausência da cultura científica e – por que não dizer? – uma educação para a perda de sensibilidade.

O *fazer* destituído do *saber-fazer* é o problema central da inserção do sujeito no campo da cultura elaborada. Para muitos, o papel da escola seria o de permitir ao sujeito deter um determinado conhecimento específico e, a partir disso, vender a aplicação desse possível saber como força de trabalho.

Não é possível educar sem ao mesmo tempo ensinar: uma educação sem ensino é vazia e degenera com grande facilidade numa retórica emocional e moral. Mas podemos facilmente ensinar sem educar e podemos continuar a aprender até o fim dos nossos dias sem que, por essa razão, nos tomemos mais educados. (ARENDETT, 2011, p. 246-247).

Isso se apresenta em diversos campos em que se encontram os *sujeitos ensinados*, que são aqueles desqualificados pelo próprio mercado de trabalho, como, por exemplo, o borracheiro, o pintor, o padeiro, etc., que foram ensinados/treinados. Isso vai até os que se encontram mais

qualificados e que exigem constante aperfeiçoamento, como, por exemplo, o neurocirurgião, o piloto de avião, o engenheiro, enfim, todos aqueles que se inserem no mercado de trabalho e são compreendidos como objetos de máquinas. (GUATTARI, 2000).

O que esses dois campos de profissão têm em comum é que ambos se baseiam em um treinamento sistemático para a aprendizagem de alguma técnica específica, e o paradigma do adaptador para uso dos *hasbi* é algo que destitui por completo o papel do intelectual, pois o resultado do seu uso impossibilita o enfrentamento da questão: os motivos do uso, já que o automatiza sem o trabalho da consciência crítica.

Aqui se pode encontrar a raiz da questão – perda de sensibilidade e compaixão do sujeito perante o *outro*, pois o que mais conta é o uso e o resultado e pouco se analisa sobre as relações que são produzidas pelo uso desses meios na obtenção dos resultados. Esse tipo de questionamento se apresenta em Adorno, no momento em que se pergunta

Não se sabe com certeza como se verifica a fetichização da técnica na psicologia individual dos indivíduos, onde está o ponto de transição entre uma relação racional com ela e aquela [de] supervalorização, que leva, em última análise, quem projeta um sistema ferroviário para conduzir as vítimas a Auschwitz com maior rapidez e fluência a esquecer o que acontece com estas vítimas em Auschwitz. No caso do tipo com tendências à fetichização da técnica, trata-se simplesmente de pessoas incapazes de amar. Isto não deve ser entendido num sentido sentimental ou moralizante, mas denotando a carente relação libidinal com outras pessoas. (1995, p. 133).

Enfrentar a questão da reificação da técnica e a perda da capacidade de amar é algo que deveria ser um fator central de discussão no campo educacional. Não se trata de recusar a técnica, mas de compreender que esses elementos possuem suas impertinências, logo, o seu próprio uso deveria ser algo constantemente crítico, o que requer do sujeito o desejo de criar novas maneiras de pensamento sobre o uso da técnica. Portanto, trata-se de o educador assumir a condição de intelectual que se posiciona na responsabilidade, autonomia e, principalmente, na autoridade em *vir-a-ser* um sujeito crítico.

Tem-se, assim, uma linha divisória: de um lado, há a educação pautada no paradigma do adaptador para os *hashi* e, de outro, há o sujeito incomodado no sentido de criar e inovar-se no uso dos *hashi*. Entretanto, por qual motivo o sujeito torna-se incomodado? Por que deveria inovar seu modo de ser? A resposta a essa pergunta, numa perspectiva emancipatória, seria que, a todo momento, deve-se ficar atento às condições objetivas e subjetivas que impedem o indivíduo de ser sujeito e o posiciona como objeto. Isso significa compreender que tanto a máquina como a técnica que subordinam o sujeito podem ser reelaboradas para uma inversão nessa posição, qual seja, que o sujeito seja aquele que subordina a máquina e a técnica para se humanizar em seu uso. Para tanto, é preciso inventar ou inovar tanto as máquinas como as técnicas.

O trabalho como treinamento: a hegemonia do paradigma do palito japonês (*hashi*) e seu adaptador para facilitar a produção do sujeito-trabalhador

Pensar o trabalho na modernidade requer compreender como se instaura o modelo de organização do trabalho hegemônico, em que o sujeito é posicionado como anexo à máquina e no qual, portanto, sua função intelectual é mínima para somente atender aos aspectos da produção. Esse estado mínimo do pensamento encontra-se no limiar de apenas não inviabilizá-lo como “força de trabalho”.

Na máquina está materializada toda a ciência e a tecnologia, e o sujeito assume o papel de tornar-se o operador dessa, um apêndice que apenas executa tarefas repetidas. Essa condição desqualifica o sujeito no trabalho como aquele que deve aplicar comandos simples – o treinamento do sujeito para realizar o trabalho.

Na perspectiva crítica do trabalho, a emancipação do sujeito seria a realização de tarefas que pudessem concretizar a premissa do homem como intelectual, aquele que transforma a natureza assim como transforma a si mesmo. Para tanto, essa premissa está pautada na concepção de mundo em que

não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, e tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens em carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também

o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida. [...] Não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência. Na primeira maneira de considerar as coisas, parte-se da consciência como do próprio indivíduo vivo; na segunda, que é a que corresponde à vida real, parte-se dos próprios indivíduos reais e vivos e considera-se a consciência unicamente como sua consciência. (MARX; ENGELS, 1986, p. 37).

Compreende-se que essa concepção de mundo é algo que determina o sujeito no campo do trabalho tendo como base sua relação com o princípio científico, ou seja, uma atividade do *saber-fazer* que permite ao sujeito realizar-se como intelectual ao transformar a natureza e produzir outra natureza radical de si mesmo.

Nesse caso, o uso dos palitos japoneses (*hashi*) para pegar o alimento é algo que apresenta uma dificuldade que deve levar o sujeito a pensar o seu fazer. O uso do adaptador seria um apagamento da dificuldade e, também, do pensar sobre o fazer. O adaptador é o modelo que se instaura nos moldes de organização do trabalho, ou seja, uma automatização que retira por completo o sujeito da cena do trabalho. Assim, o sujeito é um executor de tarefas somente para atender a uma demanda, que não é a sua, sem que possa desenvolver sua maneira própria de existência e romper com a lógica da reprodução de capital.

A questão principal seria pensar na construção de máquinas que pudessem permitir, na interação com o sujeito, uma constituição crítica desse. Portanto, máquinas que tornem os sujeitos críticos de si mesmos. O problema central apresenta-se no sentido de que,

com a máquina, realiza-se até o fim o processo da subsunção real do trabalho ao capital, precisamente no sentido (como vimos) de que tal subsunção se manifesta no terreno material do processo de trabalho, então é claro que o próprio corpo do instrumento, sua própria estrutura material, tem a marca dessa subordinação do trabalho; portanto, uma máquina não utilizada de modo capitalista deveria ser uma máquina *diversa* da que é utilizada de modo capitalista. Em outras palavras: as máquinas, tais como as conhecemos, são frutos de uma tecnologia (e talvez também de uma ciência) que foi toda pensada sobre a base do pressuposto do trabalho alienado. Numa situação diversa, a mudança deveria envolver o próprio processo de conhecimento e de realização tecnológica, do qual a máquina é o resultado. (NAPOLEONI, 1981, p. 95).

Aqui se encontra o ponto central a ser resolvido em termos de educação para a emancipação do sujeito no trabalho, no sentido de romper-se com a concepção de formação do trabalhador como treinamento para a condição de produzir-se, no trabalho, o sujeito intelectual. Para tanto, diversos estudiosos de máquinas e produção de técnicas deveriam estar comprometidos no sentido de que não ocorre neutralidade científica em seus diversos usos. Nessas interações, constitui-se uma determinada concepção de mundo. O grande problema está em saber escolher o mundo desejado que esteja produzido ou reproduzido nas ações humanas.

A saúde como mercadoria: novamente o paradigma do palito japonês (*hashi*) e seu adaptador na constituição do sujeito normal

A compreensão mais básica do que seja saúde encontra-se na concepção do senso comum como algo que está diretamente relacionado à produção do sujeito normal. No aspecto de saúde, saudável seria o sujeito que se encontra plenamente adaptado às condições sociais existentes e que se apresenta apto em termos de saúde física e mental.

Nesse ponto, o paradigma do palito japonês (*hashi*) e o uso do adaptador se constituem na representação básica dessa concepção de saúde, pois o uso de adaptadores elimina todos os transtornos do não saber e posiciona o sujeito na condição plena em ser. A falta de ser é o que remete o sujeito à condição de conflito, pois ele tem que lidar com a ausência que não lhe permite a plenitude, que seria compreender que

nada existe além da matéria, o bem e o mal, o belo e o feio, o justo e o injusto não têm existência real. Só há a natureza, que não é nem boa nem má, nem bela nem feia, nem justa nem injusta $\frac{3}{4}$ a natureza *indiferente*, sem valor nem sentido, sem norma nem finalidade. Tudo se equivale, porque nada vale: desespero e serenidade. Não há mais religião, nesse caso, nem moral, política ou estéticas *religiosas*, isto é, absolutas. A própria verdade, se existe e se a podemos conhecer, é *sem valor*, e tão *indiferente* quanto o resto. Dois mais dois, quatro: e eu com isso? Sete e cinco, doze: e daí? Tudo é indiferente no universo, tudo dá no mesmo. O nascimento de uma estrela, sua morte, um planeta que desaparece, um sol que se extingue... Isso não altera nada em nada, e o real continua sendo o real: indiferente a tudo, isto é, a ele mesmo. (COMTE-SPONVILLE, 1997, p. 77).

Perante o real que *é*, recorre-se a um conjunto de tentativas para não ter que lidar com o sofrimento e a dor física e mental. As pessoas são condenadas pelo tempo ao processo de degeneração do corpo, são atingidas pelo sofrimento imposto no campo das relações humanas ou vivem no desgosto das ocorrências da natureza. (FREUD, 1990).

Toda vez que as pessoas têm que lidar com o adoecimento do corpo e da alma, elas vão para o consultório médico para serem atendidas e ficam pensando: O que será que vai ocorrer nesse encontro? Ou seja, será um diálogo amigo, que, de um lado, busca uma possível interpretação e tratamento da dor ou será um diálogo inimigo, que busca a anulação da existência do sujeito e a realização da coisificação, em que o tratamento seria a aplicação de técnicas e procedimentos que não se encontram relacionados com a presença do *outro*? Aliás, o tratamento é somente possível quando se olha para o *outro* fragmentado. No entanto, para se tratar a dor, não seria necessário conhecê-la em toda sua dimensão? Como se pode curar uma enfermidade se não se conhece, de fato, a origem de toda sua produção, segundo aquilo que os clínicos denominam como sendo o “sujeito descompensado”?

Na tentativa de se buscar essa compreensão do surgimento do “sujeito descompensado”, não se pode deixar de fazer referência ao prefácio do livro de August Aichhorn, no qual Freud afirma que existem “três profissões *impossíveis* – educar, curar e governar”. (FREUD, 1996b, p. 3.216).

Em oposição, a hegemonia do sujeito saudável constitui-se na cura ou na compensação da existência do sujeito, que, na modernidade, pode ser compreendida como algo que ocorre por condutas padronizadas e, portanto, o educar, o trabalho e a saúde se instituem em campos em que se produzem reparos e, principalmente, segundo aquilo que se denomina como “inserção social do sujeito”.

No caso da incorporação do modo de pensar pautado no paradigma do palito japonês, o que não funciona é trocado. Contudo, como se pode trocar um corpo que não está funcionando mais para poder atender à demanda de uso para reprodução do capital? Como se pode reinstaurar uma nova subjetividade que possa dar destino aos afetos e desafetos que são produzidos no campo das relações humanas? Como se pode alterar o ambiente degradado por anos de falta de cuidados em relação aos resíduos tóxicos, que levam diversos anos para se decompor?

São várias as perguntas, e poucas, as respostas. No entanto, uma coisa já se sabe desde já: é preciso reelaborar as matrizes teóricas hegemônicas que sustentam as práticas sociais no campo da educação, do trabalho e da saúde para novos contornos que possam atender a outras demandas emergentes de uma sociedade e que busque, na sua produção, formas de igualdade, fraternidade e democracia que possa atender verdadeiramente ao humano, demasiadamente humano. (NIETZSCHE, 2000).

Conclusão: para além do paradigma do *hashi* em nossa modernidade

Tendo como eixo de investigação as interfaces entre educação, saúde e trabalho, no campo das práticas sociais, podem-se identificar duas faces do *saber-fazer*, quais sejam: de um lado, as práticas sociais se encontram incorporadas no modo de ser do sujeito inconscientemente; de outro, essas são transmitidas como algo pertinente ao ordenamento da cultura promovida, principalmente pelos meios de comunicação de massa.

Dessa forma, o tema “práticas sociais e educação do sujeito” tem se apresentado como algo recorrente na atualidade, basicamente por duas vertentes, que consistem em compreender o modelo econômico estabelecido como viável à existência do sujeito na sociedade ou em romper com tal modelo econômico e propor novas formas de organização social à existência do sujeito na sociedade. Essa relação entre o modelo econômico e as práticas sociais justifica-se pelo fato de que

o planeta Terra vive um período de intensas transformações técnico-científicas, em contrapartida das quais engendram-se fenômenos de desequilíbrios ecológicos que, se não forem remediados, no limite, ameaçam a vida em sua superfície. Paralelamente a tais perturbações, os modos de vida humanos individuais e coletivos evoluem no sentido de uma progressiva deterioração. As redes de parentesco tendem a se reduzir ao mínimo, a vida doméstica vem sendo gangrenada pelo consumo da mídia, a vida conjugal e familiar se encontra frequentemente “ossificada” por uma espécie de padronização dos comportamentos, as relações de vizinhança estão geralmente reduzidas a sua mais pobre expressão. (GUATTARI, 1990, p. 7-8).

Assim sendo, da maneira como são transmitidas e incorporadas as práticas sociais no modo de ser do sujeito, encontram-se condições objetivas estabelecidas pelo modelo econômico, que as mantém hegemônicas na estabilidade da relação entre forma e conteúdo, no sentido de preservá-lo, para se manter em funcionamento uma estrutura que corrompe e explora a força de trabalho do *outro*.

É preciso compreender a segunda vertente, no sentido de tentar apreender a dinâmica de como as práticas sociais são transmitidas, realizando tentativas de identificar as fissuras dos sujeitos no campo da cultura e a atuação contraditória nas formas hegemônicas na sociedade de mercado.

A principal preocupação seria propor uma ruptura no modo de existir dos sujeitos em relação àquilo que se constitui na perda de sensibilidade e compaixão para com o outro. Entende-se que esse elemento seja o ponto central para se compreender o motor que promove todo o funcionamento da sociedade de mercado, que se configura em tudo que se torna objeto/coisa, e isso invade plenamente o campo das relações humanas, pois somente desse modo é que é possível o sistema que tem como base a exploração humana. Isso indica o motivo pelo qual a perda de sensibilidade e compaixão é um problema para ser investigado (ADORNO, 1995). Pode-se dizer, em poucas palavras, que o enfrentamento dessa questão (perda de sensibilidade) se justifica para se entender a produção de sociedades em que ocorre a perda de vínculo no campo das relações sociais e, portanto, uma ampliação “da temível banalidade do mal, que desafia as palavras e os pensamentos”. (ARENDT, 1999).

Dir-se-ia que a tarefa educativa para além do paradigma do palito japonês na modernidade é mais complexa, pois requer, por um lado, produzir políticas públicas e suas devidas mediações, por meio das quais também se possa produzir práticas (técnicas e processos) emancipatórias e, por outro, a produção de máquinas e tecnologias que caminhem na mesma direção. Essa retomada de posição crítica do sujeito perante a sociedade de mercado redefine a interpretação teórico-prática no campo do pensar e do fazer do sujeito como intelectual, já que a outra opção, mais propriamente, o que não temos opção no campo da modernidade, seria como, em grande parte e para a maioria dos gestores públicos, compreender a educação como instrumento de ensino para formar cidadania e mão de obra qualificada, a fim de atender à lógica da reprodução do capital no conjunto das práticas sociais, mas nada querem saber acerca das controvérsias do desejo.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. Educação após Auschwitz. In: _____. *Educação e emancipação*. Trad. de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ARENDT, Hannah. A crise na educação. In: _____. *Entre o passado e o futuro*. Trad. de Mauro W. Barbosa. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. Trad. de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Trad. de Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996.
- COMTE-SPONVILLE, André. *Tratado do desespero e da beatitude*. Trad. de Eduardo Brandão. São Paulo: M. Fontes, 1997.
- FREUD, Sigmund. Cinco lições de psicanálise (1910 [1909]). In: _____. *Obras Completas*. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996a. v. XI.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização (1930 [1929]). In: _____. *Obras Completas*. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v. XXI.
- FREUD, Sigmund. Prefácio para un libro de August Aichhorn. 1925. In: _____. *Obras Completas Sigmund Freud*. Trad. de Luis López-Ballesteros y de Torres. Madrid: Biblioteca Nueva, 1996b. v. III.
- FOUCAULT, Michel. *A Verdade e as Formas Jurídicas*. Trad. Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: Nau, 1996.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose*. São Paulo: Ed. 34, 2000.
- GUATTARI, Félix. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. Trad. de Suely Belinha Rolnik. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Trad. de Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.
- LAJONQUIÈRE, Leandro. *De Piaget a Freud: a (psico)pedagogia entre o conhecimento e o saber*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.
- MARX, Karl. *Contribuições à crítica da economia política*. Trad. de Maria Helena Barreiro Alves. 2. ed. São Paulo: M. Fontes, 1983.
- MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. Trad. de José Carlos Bruni e Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Hucitec, 1986.
- NAPOLEONI, Claudio. *Lições sobre o capítulo sexto (inédito) de Marx*. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Ciências Humanas, 1981.
- NEDER, Ricardo Toledo. O que dizem da automação os trabalhadores. *Lua Nova*, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 77-81, jun. 1986. Acesso em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010264451986000200015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 jan. 2016.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *Humano, demasiado humano*: um livro para espíritos livres. Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada*. Trad. de Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 1997.

SENNETT, Richard. A mão. In: _____. *O Artífice*. Trad. de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2009. p. 169-199.

Submetido em 25 de fevereiro de 2016.
Aprovado em 18 de novembro de 2016.